

ALÓS, Anselmo Peres; FELIPPE, Renata Farias de; SOUTO, Andrea do Roccio (orgs.). **Figurações do imaginário cinematográfico na contemporaneidade**. 1. Ed. Santa Maria: PPG-L Editores (com auxílio financeiro do CNPq), 2017, 216p.

Nícollas Cayann¹

O ato de contar histórias é tão antigo quanto a humanidade. Lendas e mitos cumpriram o papel de conservar a história durante gerações. As primeiras narrativas escritas (precedidas pela Oralitura) possuíam estruturas e moldes funcionais muito similares e repetidos à exaustão. A tradição de narrar histórias baseadas nos mitos clássicos e medievais foi rompida a partir do surgimento do romance no início do século XVIII (WATT, 1957). Embora o romance seja, possivelmente, uma das formas mais tradicionais de narrativa, ele não é a mais antiga, a bem da verdade as formas mais anciãs de narrativa não contavam com o auxílio da língua escrita.

As primeiras manifestações de cunho artístico desempenhadas pelos hominídeos são reflexos de seus estados físicos e mentais. Existem gravuras rupestres com cerca de 300 a 250 mil anos (localizadas em solo germânico) que demonstram usos das práticas rupestres por seres pré-sapiens. Contudo, o *Homo sapiens* começa a representar seu cotidiano com pinturas rupestres entre 40 e 10 mil anos atrás. Estes registros artísticos pré-históricos são compostos pelo uso excessivo de simbologia de uma comunidade sem escrita padrão (JUSTAMAND et al, 2017). A narração gráfica foi uma das primeiras formas (encontradas) de narrativa (PETERSEN, 2011).

Assim que uma sociedade alcança determinado nível de letramento, a tendência é que o formato de armazenamento e de acesso de informação se torne em maioria – em alguns setores quase que exclusivamente – escrito (PETERSEN, 2011, p. 11). Contudo, a forma escrita, assim como o formato imagético, são apenas opções. A ação narrativa pode tomar diferentes formas. Mesmo com a presente ascendência da escrita no mundo ocidental a narrativa imagética não desapareceu do cotidiano do homem. Quadrinhos,

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana e, atualmente, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, orientando do Prof. Dr. Anselmo Peres Alós. Bolsista CAPES/DS. Endereço: Av. Roraima, n. 1000, Cidade Universitária, Camobi, Santa Maria – RS, 97105-900. E-mail: nicollascayann@gmail.com.

Comics, Bande Dessinée, artes plásticas, publicidade e cinema são bons exemplos de como as narrativas imagéticas compõe também o imaginário moderno.

A literatura abriu um leque para vários outros domínios. O termo *literatura*, principalmente na condição de objeto de pesquisa, é multifacetado, isto é, seus desdobramentos não são limitados histórica ou socialmente. As teorias se alteram, se constroem, se destroem, e se reconstroem, e de forma alguma são fixas, assumir a importância dos trânsitos e deslocamentos teóricos é comprometer-se com a natureza da função teórica. No livro **Figurações do imaginário cinematográfico na contemporaneidade** (2017), organizado por Anselmo Peres Alós, Renata Farias de Felipe e Andrea do Roccio Souto, os autores brindam seus leitores com uma aproximação de pressupostos teóricos da literatura com obras cinematográficas. Os três organizadores são professores do PPG–Letras da UFSM, e tanto o professor Anselmo Alós quanto a professora Renata de Felipe, são membros da linha de pesquisa *Literatura, Cultura e Interdisciplinaridade*. Esta breve apresentação deixa mais evidente de onde vem os eixos que guiam a composição do livro: *interdisciplinar, complexo*, e ao mesmo tempo *didático*.

A interdisciplinaridade dá-se por questões óbvias, e a interação entre cinema e literatura é, em si só, complexa pelas distinções teóricas e conservadorismos que se encontram principalmente por parte de certo nicho de estudiosos. A forma como a brochura digital foi organizada é que dá o tom didático. O capítulo de abertura, de autoria de Ubiratan Paiva de Oliveira, faz uma relação entre cinema e pintura, nesta proposta o autor verifica a existência de padrões para colaboração entre as duas artes, e neste esforço Ubiratan acaba classificando diferentes grupos de pertencimento das artes dentro do cinema. Dando sequência, o segundo capítulo do livro é de autoria de Andrea do Roccio Souto, neste texto a autora analisa fílmica na qual questiona as dimensões dos limites da literatura e do cinema. No artigo que segue, a autora Dina Maria Martins Ferreira analisa as disposições simbólicas naquilo que tange a representação na contemporaneidade através de: *Frankenstein* e *Prometeu*. No capítulo seguinte, de autoria de Wilton Garcia, o autor debate questões muito relevantes de corpo, identidade e alteridade, fazendo um paralelo entre cinema a literatura e *corpus*. Lidando ainda com os estreitos limites de literatura e outras artes, o quinto capítulo trata dos territórios interartes do discurso

cinematográfico, Enéias Farias Tavares e Juliana de Abreu Werner tratam de ópera e literatura.

Entender o cinema como o produto cultural do período contemporâneo é essencial. O papel antes ocupado pela literatura no imaginário social hoje é preenchido pelas produções cinematográficas (ALÓS e SOUTO, 2017). Neste sentido, Tibério Caminha Rocha propõe uma análise dos desdobramentos do cinema na construção da sociedade, tendo em vista sua importância naquilo que consiste representar. Seguindo o tópico de leituras análogas da realidade, os autores Darlan de Mammann Marchi e Débora Mutter executam uma análise fílmica utilizando o conceito de memória na narrativa através de uma perspectiva que posiciona o cinema dentro da história, fazendo parâmetros entre história, memória, cinema e patrimônio.

No antepenúltimo capítulo do livro, João Manuel dos Santos Cunha, trata das implicações de traduzir e do massivo exercício de alteridade que se constrói na representação feita pelo cinema. No penúltimo capítulo, de autoria de Luiz Cláudio Kleaim e Sérgio Rodrigo da Silva Ferreira, os autores debatem a posição do autor de literatura que é adaptada para o cinema na contemporaneidade. E o capítulo que encerra o livro, assinado por Paul Melo e Castro, tece uma análise crítica sobre a representação do outro nas dinâmicas que compõe a colonização e os fomentos pós-coloniais.

O livro **Figurações do imaginário cinematográfico na contemporaneidade** (2017) surge como uma colaboração significativa nos estudos interdisciplinares entre literatura e cinema. Questionando, desafiando, infringindo, reconstruindo e ampliando as fronteiras e limites entre as narrativas literárias e cinematográficas, o livro em questão se constitui como um importante aparato teórico e crítico para auxiliar na composição de novos parâmetros para a relação entre literatura e cinema.

Referências

ALÓS, Anselmo Peres; SOUTO, Andrea do Roccio. In: ALÓS, Anselmo Peres; FELIPPE, Renata Farias de; SOUTO, Andrea do Roccio (orgs.). **Figurações do imaginário cinematográfico na contemporaneidade**. 1. Ed. Santa Maria: PPG-L Editores (com auxílio financeiro do CNPq), 2017, 216p.

JUSTAMAND, Michel; MARTINELLI, Suely Amâncio; OLIVEIRA, Gabriel Frenchiani; BRITO E SILVA, Soraia Dias. A arte rupestre em perspectiva histórica: uma histórica escrita nas rochas. **Arqueologia Pública**, v. 11, n. 1, Campinas, 2017, p.

130-172. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/8648451/16261>>.

Acesso em: 10 de agosto de 2018.

PETERSEN, Robert. **Comics, Manga, Graphic Novels: a history of graphic narratives**. Denver: Praeger, 2011.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1957].